
O EUFEMISMO COMO MODALIZAÇÃO DISCURSIVA NA ENUNCIAÇÃO JORNALÍSTICA DOS SUPOSTOS SUCÍDIOS DE AMY WINEHOUSE E KURT COBAIN: BIOPoder CONTRA O EFEITO WERTHER

Matheus Eduardo da Silva Vieira¹

Luana Alves Luterman²

Resumo: Esta pesquisa objetiva descrever, interpretar e analisar enunciados que circularam em mídia impressa sobre as mortes suicidas dos cantores Kurt Cobain e Amy Winehouse. Mobilizamos uma série enunciativa regular no funcionamento discursivo da episteme suicídio, tabu duplo atravessado por saberes relacionados ao atentado sobre a própria vida, polêmica que se adere ao deslocamento do biopoder, do governo de si e do outro para a manutenção da vida. Descrevemos e analisamos como funcionam as materialidades discursivas em relação à episteme suicídio e às emulações jornalísticas quanto à vida e à morte dos cantores já citados. Observamos os silenciamentos/apagamentos ou restrições da palavra suicídio, além dos recursos linguísticos de modalização discursiva como o eufemismo para suavizar o impacto de noticiar as mortes ocorridas por meio do tabu suicídio. Nossa apporte teórico-metodológico é baseado na Análise do Discurso de linha francesa. Como resultados, percebemos que a palavra suicídio é obliterada muitas vezes para o atendimento da ética jornalística quanto a uma possível contenção de um efeito em cadeia (Efeito Werther), pois o suicídio de figuras icônicas, celebridades, poderia influenciar outras mortes, especialmente de fãs emocionalmente instáveis, num contexto sócio-histórico contemporâneo repleto de patologias psíquicas. As políticas públicas que se materializam discursivamente por meio de campanhas de preservação da vida, como Setembro Amarelo, com o estímulo aos atendimentos psiquiátricos e psicológicos, são normalizações das condutas dos corpos para o cuidado de si e do outro, adestrando-os para a permanência da vida, tornando-a saudável, em consonância à mecânica do biopoder.

Palavras-chave: Suicídio. Morte. Jornalismo. Efeito Werther.

EUPHEMIS AS A DISCURSIVE MODALIZATION IN THE JOURNALISTIC STATEMENT OF THE ALLEGED SUICIDES OF AMY WINEHOUSE AND KURT COBAIN: BIOPOWER AGAINST THE WERTHER EFFECT

Abstract: This research aims to describe, interpret and analyze statements that circulated in print media about the deaths of singers Kurt Cobain and Amy Winehouse, which were linked to suicide. We mobilized an enunciative series that demonstrates a regularity in the discursive functioning of the episteme and suicide, a double taboo because it is crossed by knowledge related to the attempt on one's own life, a polemic that adheres to the displacement of biopower, of the government of oneself and of the other for the maintenance of the life. We

¹ Graduando da UEG UnU Inhumas. komamuramate12@gmail.com

² Pós-doutora em Linguística pela UFSCar (2018), Pós-Doutora (2016), Doutora (2014) e Mestre (2009) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da FL/UFG. Especialista em Formação de Professores de Língua Portuguesa pela UCG (2005). Graduada em Letras pela UCG (2004). Professora da UEG desde 2011. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Pesquisa o ensino de Língua Portuguesa, leitura e produção de textos (inclusive em 3D), gênero, corpo e discurso. Líder do Grupo Estúdio (Estudos do Discurso) e integrante do Grupo GEDIN. E-mail: luana.luterman@ueg.br

analyze how the discursive materialities work in relation to the episteme of suicide and journalistic emulations regarding the life and death of the aforementioned singers. We observed the silencing/erasures or restrictions of the word suicide, in addition to the linguistic resources of discursive modalization to soften the impact of reporting the deaths that occurred through the suicide taboo. Our theoretical-methodological contribution is based on the French line of Discourse Analysis. As a result, we noticed that the word suicide is obliterated many times in order to comply with journalistic ethics in relation to a possible containment of a suicidal chain effect (*Werther Effect*), since the suicide of iconic figures, celebrities, could be an influence for other deaths, especially fans and emotionally unstable subjects, in a contemporary socio-historical context full of psychic pathologies such as panic, generalized anxiety and fear.

Keywords: Suicide. Death. Journalism. Werther Effect.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pauta-se numa análise crítico-discursiva de divulgações midiáticas voltadas a uma temática considerada tabu social: o suicídio. Descrevemos, interpretamos e analisamos notícias sobre as mortes dos cantores Kurt Cobain e Amy Winehouse. Verificamos como diversas mídias silenciam, apagam, suavizam a episteme suicídio, na divulgação da morte dessas celebridades. A escolha temática foi feita após reflexões e cotejamentos entre algumas notícias sobre possíveis suicídios de celebridades. Além disso, notamos uma polêmica voltada a uma possível romantização e legitimação do suicídio, que envolveu primeiramente o livro de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*³, e também a série original da plataforma de mainstreaming Netflix, *13 reasons why*⁴, assim como as repercussões dessa polêmica, tratada pela mídia.

Dentre alguns questionamentos que influenciaram a decisão temática deste artigo, um se destaca: como a mídia se comporta nas divulgações de casos de suicídios de famosos? Um ponto que serviu como ignição desta investigação foi o que se circula discursivamente sobre a morte de alguns músicos, denominado *Clube dos vinte e sete*⁵, uma lista de cantores (as) que faleceram com idade de vinte e sete anos, tendo como participantes alguns cantores como:

³ Obra escrita por Goethe, publicada em 1774, pertencente ao movimento literário conhecido como romantismo. A obra apresenta o suicídio do protagonista, Werther, narrativamente explícita, servindo de inspiração para vários jovens da época se matarem, tomando como exemplo o mesmo final trágico do protagonista de Goethe.

⁴ A série original Netflix, é uma adaptação da obra literária de mesmo nome, Thirteen Reasons Why, com autoria de Jay Asher. A adaptação feita pela plataforma de mainstreaming se imergiu em polêmicas no ano de 2017, pois assim como a obra de Goethe, apresentou o suicídio da personagem, Hannah Baker, de forma desacerbada, apresentando o suicídio de maneira visceral e romantizada, indo contra os manuais de prevenção do suicídio, publicados pela OMS.

⁵ <<https://www.cifraclub.com.br/blog/clube-dos-27/>>

Janis Joplin, Jimi Hendrix, Kurt Cobain, Amy Winehouse.

O intuito geral deste artigo é observar como os discursos midiáticos apresentam a palavra suicídio, já que o jornalismo é um meio de divulgação que permite à esfera pública o conhecimento de tabus como a morte de celebridades. O motivo específico desta pesquisa é observar as questões que delimitam a presença da palavra suicídio em textos jornalísticos, como capa de jornal e notícias vinculadas às mortes dos cantores supracitados.

O que torna essa pesquisa viável e relevante para a área de Letras e Linguística são as maneiras como as modalizações linguísticas obliteram o tabu suicídio, episteme construída sócio-historicamente por um domínio de saber que chancela o atentado sobre a própria vida como uma insurgência à normalização de preservá-la. Também nos empenhamos em descrever e analisar como funcionam as modalizações discursivas nos processos de materialização enunciativa de notícias relacionadas ao provável suicídio de celebridades como Kurt Cobain e Amy Winehouse, quase sempre escamoteando a palavra suicídio ou, pelo menos, suavizando a linguagem por meio de recursos linguístico-discursivos que mantêm a vontade de verdade condenatória ao atentado sobre a própria vida, mesmo nos casos ocorridos de morte de cantores famosos. Partimos de teorias que referenciam o suicídio como meio de disseminação contra o biopoder, a vida íntima espetacularizada e exposta publicamente, as vontades de verdade como condições de produção enunciativas para o funcionamento da manipulação discursiva. Assim, perscrutamos como funciona linguística e discursivamente a negação do suicídio na mídia, apresentando a fragilidade social perante o duplo tabu, morte por suicídio.

Este trabalho se divide em três tópicos, tratando pontos distintos da pesquisa, como constituição epistemológica do suicídio, o fim da vida privada de ícones da música internacional, a representação de discurso da morte por suicídio no caso de celebridades.

O primeiro tópico apresenta como a episteme suicídio está à mercê de fatores extralingüísticos, construções sócio-históricas que contribuem com a formação representativa do termo.

O segundo tópico expõe alguns pontos que são de suma importância: a ruptura da vida privada, possibilitando a emulação desses ídolos, a superexposição da intimidade. Este tópico aponta também como o contexto dos artistas tende a ser espelhado pelos fãs, na tentativa de se aproximarem identitariamente aos seus ídolos. Para isso, apresentamos e cotejamos a aplicabilidade da análise de Foucault (2000) sobre a obra de Velásquez, *Las meninas*, para

demonstrar o funcionamento discursivo do efeito identitário que possibilitaria um efeito em cadeia gerado pelo suicídio dos artistas Kurt Cobain e Amy Winehouse (Efeito Werther). Também mobilizamos o atravessamento discursivo da ciência, por meio da estatística, para atestar como a mídia pratica a linguagem a partir da ética jornalística, dada a influência da OMS (Organização Mundial de Saúde) na produção de um manual referente às divulgações de suicídios.

O terceiro e último tópico descreve, interpreta e analisa discursos que permeiam as divulgações de suicídios nos meios de comunicação, por meio do paradigma da vontade de verdade, descrita por Foucault em seu livro, *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Desse modo, investigamos como as notícias são materializadas linguisticamente, a partir do princípio da ética jornalística, para evitar a repercussão do termo suicídio.

1 TÉCNICAS DE SABER-PODER NA CONSTITUIÇÃO DA EPISTEME SUICÍDIO

Todo saber é socialmente construído. Conforme Foucault (2005, p.204) preconiza, o saber é “aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico”. Os postulados inscrevem-se em sistemas móveis no tempo e no espaço, repetem-se conforme certas regularidades formais, estruturais e temáticas, e tornam-se inesgotáveis, infinitos em relação às possibilidades de materialidade linguística. Associam-se num processo de rarefação que permite certos agrupamentos enunciativos por meio das semelhanças e algumas sutis diferenças (dispersões) representativas da adesão a certas formações discursivas:

Quando se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (Foucault, 2005, p.43).

O sistema de dispersão se dá por serem heterogêneos os enunciados e imergirem em diferentes contextos, mas com uma base regular que se mantém nos enunciados. No caso da morte, e da incógnita que é sua concretização, por não se saber exatamente para onde e se a

alma se destina para algum porvir, permanece um tabu dado pelo mistério e impossibilidade de condução certeira do que ocorre *post mortem*. Os atravessamentos discursivos religiosos e cristãos mobilizam saberes cujo domínio divino explica, conforme a vertente a que se afiliam, a reencarnação e a ressurreição, por exemplo. No entanto, o suicídio seria ainda mais polêmico que outras possibilidades de morte devido ao atentado de si contra o próprio corpo para a produção do fim carnal. Conforme os discursos religiosos, clivados pelo cristianismo, o suicídio é um pecado, pois não foi respeitada a predestinação do corpo aos desígnios divinos que produziriam sua morte natural. Para compreendermos a episteme suicídio, é preciso conhecermos o conceito:

“Por episteme entende-se, na verdade, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma dessas formações discursivas, se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à científicidade, à formalização; a repetição desses limiares que podem coincidir, ser subordinados uns aos outros, ou estarem defasados no tempo; as relações laterais que podem existir entre figuras epistemológicas ou ciências, na medida em que se prendam a práticas discursivas vizinhas mais distintas. A episteme não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas. (Foucault, 2005, p.214)”

A episteme não revela uma especificidade de um momento histórico; altera-se conforme as práticas sociais, conforme o tempo e o espaço, e não se materializa de modo unívoco para todos os sujeitos. Há sujeitos que aderem à defesa de que o suicídio é um direito sobre a própria vida e uma deliberação de si em relação ao desejo de morte; e há uma normalização discursiva cuja apologia é o cuidado sobre a vida, ética biopolítica que regula e evita a morte de outrem por políticas como *Setembro Amarelo*, política pública de apoio à vida e prevenção ao suicídio por meio de psicoterapias e medicalização psiquiátrica.

2 O COTIDIANO ESPETACULARIZADO: A ESFERA PRIVADA ESPETACULARIZADA NA ESFERA PÚBLICA POR MEIO DA MÍDIA

Como a circulação de uma determinada episteme pode se tornar tabu? A relação da mídia com o público é de um porta-voz, que, segundo Charaudeau (2005), funciona como a representação popular dos anseios de espetacularização identitária, de maneira que as

temáticas e posicionamentos discursivos são vinculados àquilo que se pode e deve dizer para chancelar o senso comum, ao apresentar fatos e acontecimentos relevantes para os interlocutores, que possuem a necessidade de estarem integrados à esfera cotidiana. O *pathos*, emoção despertada, neste caso, por meio do consumo passivo de notícias por meio de mídias em massa, como redes sociais em plataformas digitais, televisão e rádio, pode ser intenso e empático no caso da disseminação de uma notícia sobre suicídio, o que pode gerar alguns acontecimentos em cadeia, como a influência de outras pulsões de morte, como tentativas e/ou efetivações suicidas.

Enunciar sobre a morte de celebridades como Kurt Cobain e Amy Winehouse é um tabu duplo, pois, além da morte, incógnita e mistério em torno do fim definitivo do corpo e redenção da alma, há o entrave de aceitação do atentado contra a vida promovido pelos suicidas, dada a governamentalidade, “o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer uma forma bem específica e complexa de poder” (Foucault, 2006) capaz de conduzir, utilizar e adestrar corpos conforme relações densas de saber-poder, que orientam como se pode e como se deve gerir o próprio corpo e o dos outros num processo de regulação considerado normal para ser inscrito socialmente.

Na contemporaneidade, o aparecimento indiscriminado de redes sociais, que projetam para a esfera pública a esfera privada de um sujeito, torna suscetível à fluidez subjetiva dos comentários a espetacularização do eu. No capítulo 1 da obra *As palavras e as coisas*, Foucault (2000) descreve e analisa a tela *Las meninas*, de Diego Velásquez, explicando a relação subjetiva entre o que se representa na tela, que não aparece para fruição estética de quem se coloca à frente dela. Há, portanto, uma mobilidade do objeto posto à contemplação do pintor, o próprio Velásquez, que observa cautelosamente seu espectador, representando-o conforme sua prática de leitura da imagem corporal apresentada, de modo fluido, para si:

No momento em que colocam o espectador no campo de seu olhar, os olhos do pintor captam-no, constrangem-no a entrar no quadro, designam-lhe um lugar ao mesmo tempo privilegiado e obrigatório, apropriam-se de sua luminosa e visível espécie e a projeta sobre a superfície inacessível da tela virada. (Foucault, 2000, p.6).

Foucault (2000) postula como a forma de o pintor decidir focalizar o espectador torna públicos os problemas e os “defeitos”, sempre líquidos perante o pintor que contempla seu

objeto. As virtudes e os defeitos são subjetivos, pois dependem das práticas subjetivas de cada “pintor”, em sua singularidade interpretativa. Analogicamente, a subjetividade exposta em redes sociais ou em notícias é um show exposto para a sociedade, que interpreta de maneiras plurais as éticas e estéticas existenciais dos sujeitos que publicam suas narrativas.

Por extensão analógica, o pintor, entendido agora como metáfora da mídia, ao focalizar e expor as singularidades interpretadas por si, por um (grupo de) jornalista(s), sobre a subjetividade alheia, exposta por uma celebridade, pode influenciar determinado grupo social: “Na pintura holandesa, era tradição que os espelhos desempenhassem um papel de reduplicação: repetiam o que era dado uma primeira vez no quadro, mas no interior de espaço irreal, modificado, estreitado, recurvado” (Foucault, 2000, p.9). A partir do momento em que nos vemos no espelho, significado aqui pelas redes sociais e pela mídia de massa, e representamo-nos para si (quando selecionamos o que circulará sobre si, no caso das plataformas digitais das redes sociais) e para os outros (televisão e rádio obrigatoriamente propaga o que os outros leem de si, sobre si), nossa vida é exposta, pela miopia, pela multiplicidade de efeitos de sentido, proporcionando a possibilidade de sermos emulados pelas outras pessoas.

Quando se forma um vínculo, por exemplo, de fã e artista, cujo fã se inspira no estilo de vida desse ídolo, como Kurt Cobain, seu vínculo com os fãs e sua influência no meio social possibilitou que os demais o emulassem, como um reflexo frente a um espelho, porém, “em um espaço irreal, modificado, estreitado, recurvado (Foucault, 2000, p.9),”, ou seja, mesmo que os fãs tentassem copiar o “lifestyle” do Kurt Cobain, os contextos ainda eram diferentes, independentemente daqueles que mais se assemelhavam com o contexto original do cantor. Mesmo em contextos mórbidos, como o momento da divulgação da morte por meio do suicídio do ex-vocalista da banda Nirvana, alguns fãs poderiam buscar o mesmo fim do cantor. Mesmo que a mídia não tenha apresentado casos de suicídio semelhantes ao de Kurt, não se pode descartar a possibilidade de ter ocorrido outras mortes por suicídio estimuladas pela pintura que a mídia representou dessa celebridade: “Com o ritmo de sua vida ditado pela dependência química e pela tristeza, Kurt Cobain deu fim à própria vida em 5 de abril de 1994, com um tiro na cabeça⁶ (*FBI divulga documentos sobre morte de Kurt Cobain*; veja, 8. mai. 2021)”.

⁶ <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/05/fbi-divulga-documentos-sobre-morte-de-kurt-cobain-veja.shtml>>

Vejamos como funciona a materialidade enunciativa num efeito discursivo que pode desencadear as relações entre saberes que justificam a constituição da episteme suicídio a partir de certos sintomas: “dependência química” e “tristeza” num “ritmo de vida ditado” por essa conjunção de fatores cotidianos. Em enunciados assim, que circulam num efeito em cadeia, cujo fator de ignição é o suicídio de alguém que tem uma grande influência social, podemos destacar o que é conhecido como *Efeito Werther*: o suicídio que pode influenciar outros sujeitos que se identificam com aquela celebridade cuja vida se encerrou de forma drástica.

O primeiro pré-requisito para se estabelecer uma relação de causa e efeito entre um modelo publicitado e um aumento no número de suicídios é um tipo de modelo de comportamento, claramente definido, que também possa ser identificado, de forma precisa, ao nível da imitação. Levando em consideração descobertas feitas por alguns investigadores, Schmidtke e Hafner (1988) colocaram a hipótese de a aprendizagem por modelagem depender de certas características do modelo, como a idade, sexo e estatuto social, e as respectivas características do observador. (Almeida, 2000, p.13).

Segundo Almeida (2000), a relação como as notícias sobre a morte de um artista se propaga no meio social, por exemplo, pode vincular-se com um possível aumento do número de casos de suicídios. Mesmo partindo de uma suposta condição fleumática e imparcial, imposta pela cenografia jornalística, a notícia foi divulgada pelo plantão da MTV norte-americana em 1994: “O corpo de Cobain foi encontrado morto numa casa em Seattle na sexta-feira de manhã, morto aparentemente com um tiro autoinfligido a cabeça [...].” O efeito em cadeia poderia influenciar seu público, que conhecia sua afeição às drogas e sua tristeza intensa, porque a modalização enunciativa “autoinfligido a cabeça” apaga a palavra tabu “suicídio”, mas a mantém latente por ser possível perceber, já efetivamente dito no enunciado, o agente reflexivo (ativo e passivo) da ação, representado pelo “auto”. Kurt Cobain era um ícone popular do rock, na época, e uma legião de fãs se espelhavam no músico.

O espelhamento suicida que ocorreu entre fãs e artistas/celebridades não se iniciou a partir do caso Cobain. Em 1774, quando publicado um dos livros mais polêmicos de Johann Wolfgang von Goethe, *Os sofrimentos do Jovem Werther*, a repercussão ocorreu principalmente devido ao desfecho do protagonista da obra, que acabou optando pela morte, já que seu amor não podia ser correspondido, pois sua amada Charlotte era noiva de Albert. Por ser uma obra que aborda a consequência de um amor não consumado, muitos jovens da época acabaram se inspirando na maneira como Werther se matou, ao julgarem serem

partícipes de um contexto semelhante ao do protagonista.

No ocidente, têm-se registro desse *Efeito Werther* após a publicação da obra de Goethe em 1774, a partir de uma obra de ficção. Após duzentos e vinte e seis anos, desde a repercussão dos casos de suicídio vinculados a obra de Goethe, a OMS (Organização Mundial da Saúde), no ano 2000, publicou um manual comportamental midiático, que visava prevenir suicídios a partir da disseminação factual da mídia, por meio da *Prevenção do Suicídio: um Manual Para Profissionais da Mídia*, provavelmente evitando mais surgimentos de casos com características do Efeito Werther.

Em 2011, a cantora Amy Jade Winehouse, ícone do jazz, foi encontrada morta em sua casa em Londres. Ela, diferentemente de Kurt, que havia se matado de forma ríspida e brutal, morreu após ter uma overdose alcoólica.

De acordo com o laudo, Amy tinha 416 mg de álcool por 100 ml de sangue - o limite para dirigir na Inglaterra é de 80 mg. Segundo Dra. Marta Jezierski, Diretora do Centro de Referência em Álcool, Tabaco e outras Drogas (Cratod), da Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo, para uma mulher de cerca de 50 quilos atingir esse índice, ela precisaria beber o equivalente a uma dose de uísque a cada dez minutos durante três horas. (Amy Winehouse morreu por excesso de álcool, diz laudo. G1. 26 de out, 2011)

A overdose de Amy também relaciona-se à sua narrativa biográfica, que, resumidamente, é marcada por disputas financeiras com seu pai, membro familiar que a usurpava até a exaustão para o lucro, sem se importar com a condição fatigada da filha, submetida a altas jornadas de trabalho em turnês musicais assessoradas pelo pai ambicioso. Além disso, relacionamentos conjugais conturbados também a tornaram suscetível ao desmazelo com o próprio corpo, imerso ao descuido em relação à nutrição, aos investimentos alimentares, tornando a artista disfuncional e entregue aos vícios relacionados às drogas.

Vejamos como a notícia do G1 expõe o entrave de Amy em relação às drogas e seu consequente falecimento: mobiliza o discurso científico para demonstrar como o biopoder não é um exercício ético e estético de si na vida da celebridade musical: “para uma mulher de cerca de 50 quilos atingir esse índice [416mg de álcool por 100ml de sangue], ela precisaria beber o equivalente a uma dose de uísque a cada dez minutos durante três horas”. Uísque é uma das bebidas de maior teor alcoólico, o que demonstraria um alto potencial indiciário do suicídio cometido pela cantora. Mais uma vez, assim como na notícia sobre a morte de Kurt Cobain, a unidade lexical “suicídio” não foi materializada enunciativamente. Essa

regularidade discursiva demonstra a cautela jornalística de não denunciar o suicídio como a causa da morte por se tratar de uma episteme polêmica, também passível de ser considerada injúria e impelir ações jurídicas indenizatórias, discurso mobilizado também para propiciar uma infâmia ao G1, por ser rebaixado a tabloide ao enunciar notícias sensacionalistas e, quiçá, falsas.

Imaginemos um fumante inveterado, já com problemas pulmonares e cardíacos consequentes do fumo, que sabe que, se não parar de fumar, morrerá em pouco tempo, mas não o faz ou não consegue fazê-lo. É evidente que está contribuindo para sua própria morte. O mesmo vale para o alcoólatra, para o viciado em drogas e ainda para quem insiste em ingerir alimentos que lhe farão mal. (Cassorla, 2017, p.6).

De acordo com Cassorla (2017), O vício presente na vida dos sujeitos é uma das vertentes que pode acarretar na morte. As mortes por overdoses podem ser consideradas suicídios, conforme Cassorla, devido aos maus hábitos de consumo para contribuição à morte, saber que suas decisões não saudáveis possuem consequências favoráveis à morte precoce. A partir dos suicídios dos cantores já mencionados, percebemos que se divergem, ou seja, o suicídio pode-se dividir em dois casos: o primeiro pressupõe o suicídio provocado de maneira direta, a partir de uma ação impetuosa, na tomada da decisão de encerrar sua própria vida por meio de um tiro de arma letal, como Kurt Cobain realizou; o segundo seria o suicídio que ocorre a partir das influências dos vícios em drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, sendo a morte que se acarreta pelas consequências dos maus hábitos. No entanto, em ambos os casos, as narrativas das notícias não apontaram o uso da palavra suicídio, por ser um tabu o atentado contra a própria vida.

3 VONTADES DE VERDADE NA REPRESENTAÇÃO DA MORTE PELO SUICÍDIO

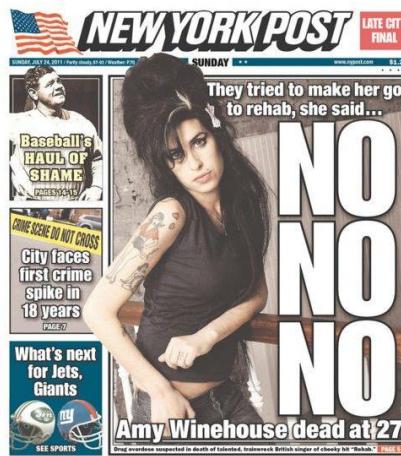
Ao relacionarmos o discurso e as possibilidades de verdades no âmbito do enunciado, da materialidade linguística, principalmente no meio midiático, podemos referenciar o paradigma descrito por Foucault, conhecido como vontade de verdade:

[...] aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a

verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la. (Foucault, 1996, p. 20).

O que seria um discurso abstruído de intencionalidades e ânsias do locutor? Segundo Foucault (1996), a inconsciência de afeição aos desejos e aos poderes, manejo enunciativo da própria verdade discursiva, que se molda de acordo com quem enuncia essa verdade, ou seja, a verdade pode ser considerada um elemento não natural, que se baseia nos desejos do locutor, que podem ser explícitos por certas modalizações enunciativo-discursivas ou efetivamente ditos por sutilezas enunciativas e destrezas argumentativas, como vimos nas notícias sobre os suicídios de Kurt Cobain e de Amy Winehouse, escamoteando a palavra suicídio, mas valendo-se de recursos linguísticos que denunciam atentados contra seus corpos, seja pela automutilação por um tiro de arma de fogo ou pelo excesso de consumo de drogas. Se a vontade de verdade é uma condição de produção enunciativa dada pela ordem do discurso, capciosa por tornar público um tabu duplo como a morte por meio do suicídio, os enunciados que relevam essa episteme tão polêmica são totalmente manipulados para suavizar a linguagem por meio de eufemismos e também do apagamento da palavra suicídio.

Figura 2.1- Make her go to rehab



Fonte: NEWYORKPOST, 2011.

Ao realizar uma breve análise do enunciado verbal na capa de jornal acima, “Eles tentaram levá-la para a reabilitação, ela disse... não, não, não”, podemos indagar sobre qual seria a vontade de verdade que permeia a capa do *NYPost*. Observamos que, ao noticiar a morte da cantora inglesa Amy Winehouse, o jornal apropriou-se interdiscursivamente de um trecho das canções mais famosas da cantora, *Rehab*, retextualizou e ressignificou com outras

possibilidades de efeitos de sentido: um tom de lamentação, por se tratar de um susto (NO NO NO, em caixa alta, para significar o choque ao noticiar a morte precoce da celebridade de apenas 27 anos de idade); um efeito de chacota sobre o fim que a cantora teve, por ela, já magra, sem cuidar da própria nutrição, ter se recusado à internação num centro de reabilitação para se curar do vício em drogas, entregando-se à biopolítica, às instituições que cuidariam do seu corpo para torná-lo saudável, adestrado, útil e dócil ao sistema capitalista para o fetichismo desse sujeito-mercadoria como lucro, no entanto, sem mencionar a colonização paterna, a escravidão ao show business. O decalque, retextualização e ressignificação do trecho da música *Rehab*, como forma de satirizar a decisão da cantora de se manter com seus problemas, pode criar um efeito cômico desnecessário, por ser jocoso, já que a notícia é de que a cantora faleceu por se insurgir, resistir e recusar a medicalização, os tratamentos psiquiátrico, psicológico e corporal.

O que, de fato, pode ser ressaltado, é a relação da mídia/meios de comunicação com a omissão da episteme suicídio. Mais uma vez, encontramos uma regularidade discursiva que permite o recorte de uma série enunciativa ao revelar a obliteração da modalização lexical suicídio. Tanto o jornal norte-americano, NYPost, quanto o jornal brasileiro, G1, apresentam a morte da cantora, sem mencionar a palavra suicídio. De acordo com Foucault (1996), a vontade de verdade é totalmente manipulativa, por ter relação com o modo como a verdade é fomentada e regulada como saber, além de redistribuída por meio de certos procedimentos, como, nesse caso, a separação que realizamos de enunciados que reportam as mortes excluindo reiteradamente a materialidade linguística suicídio; com isso, podemos considerar que, com o apagamento do termo suicídio, nos meios comunicativos supracitados, há inúmeras possibilidades, e uma delas seria de gerar um apagamento para evitar o espelhamento suicida entre fãs e cantor(a), já que os fãs poderiam acabar tomando como exemplo o fim trágico da cantora, e poderiam atingir o mesmo final. Como a morte da cantora foi espetacularizada como acidental, por se tratar de uma overdose por fatalidade, e não necessariamente por própria intencionalidade, tanto os fãs, quanto a sociedade em geral, provavelmente interpretaria essa morte apenas como mais uma morte entre várias outras ocorridas naturalmente.

Diferentemente do caso de Cobain, o termo suicídio aparece em algumas notícias divulgadas na época, mas permanece o eufemismo, pelo menos no parágrafo materializado abaixo, que omite a modalização lexical suicídio no primeiro enunciado:

Kurt Cobain, vocalista e líder da banda Nirvana, foi encontrado morto ontem por volta das 9h da manhã em sua casa em Seattle, Washington. Cobain, 27, cometeu suicídio com um tiro na cabeça. O corpo do cantor foi encontrado por Gary Smith, um eletricista contratado dias antes para fazer alguns reparos no apartamento. Smith entrou pela garagem do apartamento e viu, através de uma janela, o corpo estendido no chão com manchas de sangue na cabeça. (Canzian, 1994).

Partindo do relato de Canzian (1994), há uma narrativa sobre a morte de Kurt inicialmente com a expressão “foi encontrado morto”, pouparando o leitor do duplo tabu, morte associada ao suicídio. Nesse caso, diferentemente da narrativa da capa da revista NYPost, não há modulação linguística que incite à ambiguidade, aos efeitos de sentido dados pelo manejo da linguagem, aqui evitando qualquer tipo de crítica ou chacota. Mesmo a partir do relato de Canzian (1994), o termo suicídio apareceu somente uma vez no decorrer de toda matéria, proporcionando agora, ao invés de um apagamento, uma limitação na repetição da palavra suicídio. O acontecimento apresentado ao público, como o estado físico em que o corpo foi encontrado, não possui detalhamento aprofundado ou argumentos que poderiam defender, minimizar ou até mesmo, na pior das hipóteses, incentivar uma morte semelhante.

A constituição do suicídio pode se basear na própria relação das divulgações midiáticas, com o paradigma da vontade de verdade. Se na divulgação da morte do Cobain é utilizada a modalização lexical suicídio, apresentando o cenário em que o cantor foi encontrado, diverge-se do caso Winehouse, pela falta do termo suicídio; pode ser uma questão interpretativa, e até mesmo na vontade de verdade na definição de modelo de suicídio – um atentado sobre a própria vida de modo tácito, explícito, intencional. Se, no caso do Cobain, é o exemplo que parece mais concreto do que normalmente se define como suicídio (mesmo que, após alguns anos desde a morte do cantor, surgissem algumas hipóteses de que Cobain havia sido assassinado), no caso da Amy Winehouse é diferente, já que, nesse ponto, o caso de suicídio é subjetivo, e refém de interpretações, mesmo partindo do que Cassorla (2017) afirma a respeito do fumante: mesmo sabendo dos riscos de se manter preso às condições em que ele se encontra, não consegue se desvencilhar das amarras dos vícios; com isso, pode se considerar que, fazendo um paralelo entre o fumante hipotético, as condições de vida do Kurt e a contara Amy Winehouse, todos podem ser descritos como: autocontribuintes suicidas, no caso de Cobain, até o desfecho de sua vida, na maneira de sua morte.

Cabe às mídias de comunicação impor suas verdades e interpretações perante os casos. A presença do termo suicídio pode ou não se vincular com a maneira que o meio social reagirá com a presença desse termo. Ao assumir vontades de verdades, serão observados

efeitos diferentes, por exemplo: primeiro, a verdade de que a divulgação do suicídio, em sua forma mais fleumática e não detalhada, é reflexo da fragilidade social, ao tratar a morte, principalmente o suicídio, como causa de um efeito gatilho, que estimula outras mortes por efeito semelhante: tratar o suicídio com um ícone e a sociedade como um espelho, que imita a prática discursiva desse ídolo. Já no segundo caso, se considerarmos como vontade de verdade a prática discursiva da irreversibilidade da morte, desfecho misterioso da vida, e que o suicídio é consequência de atos individuais, que não influenciam a sociedade, o apagamento ou restrição da palavra suicídio seria totalmente desnecessário na divulgação de mortes por suicídio.

São as ânsias subjetivas, o espelhamento social, a vontade de verdade na constituição do suicídio que contribuem com a fragilidade da sociedade perante a morte. A fragilidade gera duas vertentes, a repulsa e a assemelhação. Perante casos de suicídios, a vontade de verdade individual de cada sujeito tende a assumir uma das vertentes citadas. Aqueles que negam a fragilidade da sociedade podem tratar o suicídio com abominação (também devido ao atravessamento discursivo cristão, pela inscrição religiosa que considera o suicídio como “pecado”). No entanto, os que compreendem a fragilidade psíquica pode se espelhar em casos de suicídios, principalmente quando um ícone social acaba se matando, talvez, por compreenderem a morte como efeito de libertação. Mesmo em casos como os que foram apresentados, a vontade de verdade descrita por Foucault (1996) se torna flexível, não se limitando a uma forma manipulativa discursiva excludente e unívoca, mas repleta de opacidade linguística, cujos efeitos de sentido são heterogêneos, não permitindo a exatidão da relação obrigatória entre maior número de casos de suicídio e sua disseminação midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o percurso feito neste trabalho, podemos considerar como funcionam os efeitos discursivos que influenciaram os modos de materialização midiática sobre a morte, especialmente a suicida. Vale destacar uma possível sutileza jornalística voltada à forma que as notícias sobre as mortes, os suicídios da Cobain e Winehouse, poderiam repercutir. Como visto no decorrer deste trabalho, normalmente o vínculo de fãs e artistas é algo tão intenso que os atos autoinfligidos contra a vida dos cantores podem ser incentivos ou inspirações para os sujeitos já emocionalmente instáveis.

Um fator que gerou uma grande reviravolta para a maneira como o suicídio é divulgado, indubitavelmente, foi a divulgação do documento formulado pela OMS, *Prevenção do Suicídio: um Manual Para Profissionais da Midia*, que seria utilizado como base para divulgações futuras de casos de morte por suicídio. A OMS apresenta o que não deve ser feito linguisticamente no meio jornalístico: “não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas, não informar detalhes específicos do método utilizado, não fornecer explicações simplistas, não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso, não usar estereótipos religiosos ou culturais, não atribuir culpas” (Prevenção, OMS, 2000).

A partir do documento apresentado, podemos realizar uma observação fundamental para essa pesquisa. As datas das mortes da Amy e do Cobain são influências para o silenciamento/apagamento do termo suicídio, nos meios de disseminação factual midiático. O cantor norte-americano Kurt Donald Cobain se matou em 5 de abril de 1994, antes da publicação do manual jornalístico para a prevenção de suicídio, sendo que o documento da OMS foi publicado no ano 2000. A partir do plantão feito pela MTV norte-americana em 8 de abril de 1994, é linguisticamente exposta à maneira como o cantor se matou, “[...]morto aparentemente com um tiro autoinfligindo a cabeça [...]. Foi apontada também a existência de uma carta: “[...] a polícia encontrou o que se acredita ser uma nota de suicídio no local, mas ainda não divulgou seu conteúdo. [...]”. Trata-se de fatores contrários ao que propõe o documento da OMS, sensacionalismo típico de tabloides que se estabelecem por meio da curiosidade para serem consumidos e obterem o lucro num sistema cujo capital é a tônica, e não os sujeitos vítimas de ansiedade e depressão. No caso da cantora inglesa Amy Jade Winehouse, que faleceu no dia 23 de julho de 2011, onze anos após a publicação do manual da OMS, influenciou na maneira como foi tratada a divulgação da morte da artista, explicada como uma morte accidental, conforme o jornal brasileiro G1: “[...] teve uma ‘morte accidental’ [...]. (2011)”. Não foram apresentados os indícios de entraves relacionados à instituição familiar, na matéria da morte da cantora.

Portanto, percebemos como o suicídio é uma episteme que se representa regularmente como tabu e isso reflete na existência da materialidade linguística do Manual Jornalístico da OMS, importante documento que refrata os silenciamentos, apagamentos, eufemismos e sistemas de restrições do léxico suicídio em publicações midiáticas posteriores ao ano 2000.

Referências

ALMEIDA, Ana Felipa. *Efeito Werther*. Lisboa: 2000.

AMY WINEHOUSE morreu por excesso de álcool, diz laudo. G1, São Paulo, 2011, disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/amy-winehouse-morreu-de-envenenamento-por-alcool-diz-site.html>>. Acesso em: 13 de nov. de 2022.

CANZIAN, Fernando. Líder do Nirvana se mata aos 27. Folha de S.Paulo. São Paulo, 1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/09/cotidiano/1.html>>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. O que é suicídio. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://rms.cassorla.com.br/1984/cdn.leancommerce.com.br>>. Acesso: em 15 de out. de 2022.

FBI divulga documentos sobre morte de Kurt Cobain; veja, Folha de S.Paulo. São Paulo, 8 mai. 2021. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/05/fbi-divulga-documentos-sobre-morte-de-kurt-cobain-veja.shtml>>. Acesso em: 19 de jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

MORAIS, Gustavo. *Quem são os artistas que fazem parte do Clube dos 27?* 27 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/blog/clube-dos-27/>>. Acesso em: 23 de fev. de 2023

New York Post, New York, 2011. Disponível em: <<https://nypost.com/cover/post-covers-on-july-24th-2011/>>. Acesso em: 01 de nov. de 2022

OMS. Organização Mundial de Saúde. *Prevenção do Suicídio: um Manual Para Profissionais da Mídia*. Genebra, 2000. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67604/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf;jse ssionid=6A3616DC2F14C9060C7DFE8EB9DD3DCE?sequence=7>. Acesso em: 22 de jan, 2023.

PLANTÃO MTV 08 de abril de 1994: Morte de Kurt Cobain, YouTube, 1994. Disponível em: <<https://youtu.be/X-HmDdDBACs>>. Acesso em: 13 de nov. de 2022.
